



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Os milagres de Jesus: uma leitura dos textos bíblicos em diálogo com as ciências da religião

Jesus miracles: reading biblical texts in dialogue with the sciences of religion

Linda Siokmey Tjhio Cesar Pestana*

Resumo

Os textos bíblicos têm riquezas a serem apreciadas por leitores de diferentes ciências e fés. Os conflitos entre uma leitura unívoca e proselitista de um lado, e positivista e erudita de outro, podem ser superados através da observação da teoria do mito, rito e sagrado, bem como dos aspectos estético-éticos na literatura neotestamentária repleta de símbolos e significados, acolhendo as diferenças num diálogo holístico. Enquanto as ciências da religião oferecem os fundamentos para uma erudição mais refinada e um arejamento de ideias para o teólogo construir suas reflexões de forma crítica sobre fé, revelação, dogma e pluralidade religiosa, a teologia contribui com experiências e conhecimentos ligados aos conceitos de mito, rito, sagrado e beleza literária dos textos bíblicos da perspectiva dos que têm fé.

Palavras-chave

Milagres. Mito. Rito. Sagrado. Literatura.

Abstract

The biblical texts have treasures to be enjoyed by readers of different faiths and sciences. The conflicts between a univocal and proselytizing reading against a positivist and classical reading can be overcome by observing the theory of myth, ritual and sacred, as well as aesthetic and ethical aspects of the New Testament literature full of symbols and meanings, accepting differences in a holistic dialogue. While the sciences of religion provide the framework for a more refined erudition and other views for the theologian to build their reflections critically about faith, revelation, dogma and religious plurality, theology contributes with experiences and knowledge related to the concepts of myth, ritual, sacred and literary beauty of the biblical texts from the perspective of those who have faith.

Keywords

Miracles. Myth. Ritual. Sacred. Literature.

[Texto recebido em fevereiro de 2016 e aceito em dezembro de 2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

- * Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões - PPGCR/UFPB, Especialista em Aconselhamento e Psicologia Pastoral - EST, Bacharel em Teologia - FACETEN, Cirurgiã-Dentista - FOUSP, Terapeuta Comunitária Integrativa - ABRATECOM, Capacitada em Prevenção do Uso de Drogas - UFSC/SENAD, Participante do Grupo de Pesquisa: Religiões, Identidades e Diálogos - UNICAP. Recife/PE/Brasil. E-mail: meypestana@gmail.com.

Introdução

Em oposição à leitura dogmática, unívoca e fundamentalista dos textos bíblicos, a narrativa dos milagres de Jesus pode ser lida em diálogo com as ciências da religião, apreciando os mitos, os ritos, o sagrado e a beleza presentes nessa literatura, que engloba os aspectos físicos e sensoriais da religiosidade e as faculdades humanas que percebem o belo. Embora religião e estética apresentem complexidades internas e em sua relação mútua, podem cooperar nos movimentos das ciências que visam ampliar fontes, criar metáforas, valorizar a experiência do sublime no ser humano quanto à individualização e à interiorização, através dos estudos, dos pensamentos e das discussões em torno de imagens, música, odores, gostos e sentidos na leitura de um texto sagrado.¹

Huff Júnior e Portella² reúnem autores e propostas de pesquisas que incluem um pluralismo da metodologia (ciências) e do objeto (religiões) como forma de integração e diminuição da tensão entre a explicação positivista e a compreensão profunda da religião, usados nas ciências da natureza e do espírito, respectivamente. Embora pareça esquizofrênico, seria um modelo holístico e dialogal de considerar os atos, as ideias, os sentimentos subjetivos e as manifestações empíricas individuais e coletivas, numa dinâmica aberta, por vezes, contraditória, mas sem justaposições nem sincretismos metodológicos. “Se cientistas da religião negassem o transcendente, não levariam os fiéis a sério e posicionar-se-iam arrogantemente contra eles”³. Assim, também, descreve Rodrigues,

Há nesse sentido um processo de transformação nos paradigmas, pois que, para compreender o outro, o cientista não tem que abdicar do próprio lugar, tampouco ignorar os lugares sociais a partir dos quais o nativo constitui seus sentidos. Assim, a escola interpretativista ao mesmo tempo em que reconcilia o pesquisador com sua historicidade, relativiza o ideário cientificista da objetividade. Destarte, isso não implica que os paradigmas das outras escolas tenham sido superados. Nas ciências sociais, como na ciência da religião, a tensão entre os paradigmas conduz a constantes revisões e resulta na simultaneidade dos modelos teóricos [...] disputa epistemológica, mas também a corrida pela abordagem do objeto, como se ainda fosse o tempo da conquista e da exploração de territórios inóspitos a serem descobertos e revelados para o mundo, o acadêmico. Esse legado colonialista da sociologia e da antropologia das primeiras tradições, da ciência positiva, destaca o pressuposto racionalista segundo o qual ciência se faz observando o objeto externamente como se observador e observado não estivessem inscritos numa historicidade que, se não propicia o completo compartilhamento de

¹ ENGLER, Steven. A estética da religião. In: USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 199-227.

² HUFF JÚNIOR, Arnaldo E.; PORTELLA, Rodrigo. Ciência da Religião: uma proposta a caminho para consensos mínimos. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, 2012, p. 433-456.

³ GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião*; [tradução de Frank Usarski]. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 33.

mitos, de símbolos e de ritos, no limite, favorece a aproximação e a imersão no universo semântico um do outro.⁴

Camurça⁵ contrapõe-se à visão essencialista da Teologia e da Fenomenologia como forma exclusiva de ver a religião, que considera a experiência do sagrado sem as mediações teóricas (próprias ou interdisciplinares) e sem levar em conta a realidade (histórica, social, cultural e psicológica); e também, resiste à visão empiricista que rejeita a experiência religiosa e só considera os dados materiais comparáveis. A proposta de uma fenomenologia compreensiva da religião, também partilhada pela Antropologia⁶, traz o desafio da alteridade numa hermenêutica que busca complementar e compreender, ao invés de dar explicações reducionistas às religiosidades, ao simbólico, ao imaginário, ao mito, ao rito, à arte e à estética.

O pensamento simbólico é inerente ao homem: precede a linguagem e a razão discursiva, além de, junto com imagens e mitos, revelar os aspectos mais profundos da realidade e do ser, inacessíveis aos outros meios de conhecimento.⁷ Nos Evangelhos, Jesus é o mito que realiza ritos: o próprio Deus encarnado, o texto de uma mensagem bela, o mito cosmogônico primordial que recria um tempo e um espaço sagrados no caos da doença, da exclusão, do desamparo e da morte dos seres humanos, permitindo-lhes a experiência do sagrado que os afeta e os transforma profundamente, e conferindo realidade, verdade, significação, valor e transcendência a todos que dele se aproximam.⁸

Há uma certa dificuldade contemporânea em lidar com essa verdade - o *logos* - que até o século V era considerado revelação de deuses, mas que passou a ser, até o século XIX, o saber racional, vindo e provado por homens.⁹ Dessa forma, pessoas e contextos modernos, urbanos, acadêmicos, profanos e dessacralizados distantes do ambiente arcaico, da fé e da teologia são menos favoráveis a vivenciar um milagre, pois, nesses, tende-se a aceitar somente o que pode ser explicado e provado científico-racionalmente.¹⁰ Resta-nos, então, o desafio: “Não nos tornamos prisioneiros de nosso próprio saber e hábitos de pesquisa, e deles nos distanciamos criticamente para inclui-los no horizonte da crítica e do diálogo permanentes”.¹¹

⁴ RODRIGUES, Elisa. Ciência da religião e ciências sociais: aproximações e distanciamentos. *Plura: revista de estudos de religião*, vol. 2, nº 1, 2011, p. 69, 72.

⁵ CAMURÇA, Marcelo. *Ciências sociais e ciências da religião: polêmicas e interlocuções*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 63-67.

⁶ CAMURÇA, Marcelo. Les Sciences Religieuses: um olhar a partir do Brasil para o campo de estudo das ciências da religião na França. *Estudos de Religião*, v. 25, n. 41, 12-28, jul./dez. 2011.

⁷ ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*; [tradução de Maria Adozinda Oliveira Soares]. Lisboa: Letras e artes/Arcádia, 1979, p. 13-21, 171.

⁸ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1994, p. 34, 124-128, 142.

⁹ ELIADE, 1994, p. 7-8.

¹⁰ ELIADE, 2010, p. 16-28.

¹¹ ZABATIERO, Júlio P. T.; LEONEL, João. *Bíblia, literatura e linguagem*. São Paulo: Paulus, 2011, p.163.

Textos bíblicos como literatura

De acordo com Weber¹², a Bíblia é uma biblioteca de sessenta e seis livros com gêneros literários diversificados (epístolas, testemunhos, poesias, cartas, tratados, relatos históricos e evangelhos) escritos por vários autores num período de cerca de mil anos. Como tradição oral, documento literário e fonte de inspiração para estudos e atividades criativo-meditativo-artísticos, a Escritura Sagrada consiste numa interação com um Deus vivo que questiona, fere, cura e orienta corações e vidas, valoriza a experiência humana e a transcendência dos personagens descritos e da pessoa que se dispõe a memorizá-la, reproduzi-la na arte, no conto e no canto, e sobretudo, ouvi-la¹³ com fé e alegria.

Até os séculos XVIII-XX, predominavam as metodologias tradicionais histórico-crítica (usada pelos liberais) e a histórico-gramatical (usada pelos fundamentalistas) para a leitura bíblica em que se buscava o sentido original do texto, a intenção do autor e o contexto histórico-sócio-cultural dos primeiros leitores. Atualmente, nota-se a necessidade de inovar, ler “fora da caixa” e integrar os paradigmas histórico-filológico-literários que incluem instrumentos semio-discursivos das ciências linguísticas, diálogos pluralistas e interdisciplinares entre autor, leitor, contextos e outras literaturas da época, buscando não só a explicação, mas a compreensão da obra.¹⁴

Conforme Auerbach¹⁵, a Odisseia e a Bíblia são dois estilos modelares na cultura europeia. Enquanto as épicas homéricas destacam-se pelos detalhes idílicos, pelas situações iluminadas, lineares e moralistas com enredos predeterminados, sem espaço para o povo simples a não ser na comédia; o texto bíblico apresenta cenários realistas, narrativas inconclusas de luz e escuridão, onde os heróis são reis, servos, mulheres, profetas e pastores, ou seja, pessoas do cotidiano que fazem parte de histórias sublimes e não de uma comédia. O mundo é de todos e também do leitor que é levado a interagir com profundidade e a dialogar com os simbolismos do texto, preenchendo seus vazios.

Afinal, o texto, seja bíblico ou não, é uma imitação de eventos através de um meio de comunicação (literatura) que incorpora a expressão e o ponto de vista do autor, e também, é uma ponte entre um acontecimento do passado e o presente que se constrói na interação do leitor com o conteúdo lido. Enquanto o primeiro – mimesis – representa a realidade, o segundo – poiesis – a transforma. Assim, a leitura que se limita a buscar

¹² WEBER, Hans-Ruedi. *Bíblia: O livro que me lê: manual para estudos bíblicos*; [tradução de Marcelo Schneider]. São Leopoldo: Sinodal: CEBI, 1998.

¹³ DEUTERONÔMIO 6.4; MARCOS 9.7; APOCALIPSE 1.3. In: *BÍBLIA Sagrada. Antigo e Novo Testamento. NVI*. São Paulo: Vida, 2003.

¹⁴ ZABATIERO; LEONEL, 2011, p. 11-15; 149-159.

¹⁵ AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1994, 9-95.

descrições de uma realidade passada ou a voz divina de caráter atemporal, negligencia os fundamentos da recepção de um texto literário.¹⁶

Mito, rito e sagrado nos milagres de Jesus

A exemplo de Eliade¹⁷, observaremos a presença dos elementos do sagrado e da teoria do mito/rito nos textos neotestamentários, onde a língua (grega), a tradição e o valor estético-histórico-cultural são bem documentados e relatam um ser divino que se comunica, se aproxima e transmite uma mensagem (mito) através de ritos compreensíveis no contexto religioso-cultural de indivíduos, para os quais o mito é verdade, a experiência é real e envolve uma fé que transforma. Jesus é o poste sagrado “Axis mundi” que liga céu e terra e se torna o “Centro do Mundo”, uma “imago mundi” (habitação/criação divina) em qualquer lugar onde ele age, organiza e dá sentido à vida.

Conforme Eliade¹⁸, entre os povos arcaicos, o mito equivalia à história verdadeira, à tradição sagrada, à revelação primordial e ao modelo exemplar para a humanidade, baseados em realidades e experiências do sagrado pela ação de entes sobrenaturais num tempo primordial; através de ritos com objetos, tempo e espaço específicos, o mito poderia ser lembrado e reatualizado, sacralizando o espaço profano e o tempo histórico. Conforme os gregos despojaram o valor religioso e metafísico do mito, só se aceitou como verdadeira a história que pudesse ser provada ou demonstrada, relegando ao mito a ideia de fábula e ilusão. Isso influenciou a cultura ocidental com fanatismo e racionalismo que desprezam a verdade simbólica, o instinto e o inconsciente.

Para Mendonça¹⁹, as naturezas cultural, literária e religiosa da Bíblia fazem dela não uma janela, mas um “inesperado e fundamental espelho” que permite ao leitor adentrar-se em si mesmo “num processo de autodecifração” infinito, expondo-se ao texto e tornando-se mais vasto. As narrativas evangélicas permitem interpretações inconclusivas e instauram entre leitor e texto um espaço em branco em meio a enigmas, mal-entendidos e ironias, com textura e trama de pluralidade com potencial transformador que nada tem a ver com leituras associadas à violência e à dominação simbólica presentes em muitos contextos eclesiais.

¹⁶ ZABATIERO; LEONEL, 2011, p. 21-23.

¹⁷ ELIADE, 2010, p. 16, 25, 38-50, 163.

¹⁸ ELIADE, 1994, p. 7-23.

¹⁹ MENDONÇA, José Tolentino. *A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação*. 1 ed. São Paulo: Paulinas/Pernambuco/UNICAP, 2015, p. 9, 55, 67-68.

Os milagres de Jesus nos textos bíblicos

Dentre as narrativas neotestamentárias, escolhemos duas, já que, conforme observa Rehfeld²⁰, as partes ajudam a interpretar uma à outra e ao todo coerente de uma unidade literária. Nelas observarmos os elementos mítico-rituais e da experiência do sagrado, bem como os ingredientes estético-literários, num texto que se autoafirma “realidade historicamente verdadeira” com exclusividade²¹, num “universo de símbolos, de ideias e de mitos”²², onde as palavras, ações e milagres são metáforas: vínculo intelectual entre a linguagem e o mito;²³ e onde os milagres são como figuras de linguagem que instruem, sensibilizam, agradam e enobrecem a mensagem, a ponto de provocar admiração e prazer.²⁴

Na cura do leproso²⁵, Jesus desafiou a tradição e realizou ritos emancipadores para o contexto cultural, social e religioso da época: permitiu aproximação, compadeceu-se e ainda tocou o leproso, purificando-o sem grandes alardes, diferenciando-se da ação dos deuses gregos em relação aos moribundos e dos sacerdotes em relação aos doentes. Jesus declarou e provou ser o mito cosmogônico – Javé - que do caos, cria um começo a partir de sua própria vontade e palavra e que, conforme as profecias judaico-cristãs, age com misericórdia e compaixão, dá uma nova identidade às pessoas e prefere as manifestações de humildade, adoração e gratidão aos ritos tradicionais.

Um leproso aproximou-se dele e suplicou-lhe de joelhos: “Se quiseres, podes purificar-me!” Cheio de compaixão, Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: “Quero. Seja purificado!” Imediatamente a lepra o deixou, e ele foi purificado. Em seguida Jesus o despediu, com uma severa advertência: “Olhe, não conte isso a ninguém. Mas vá mostrar-se ao sacerdote e ofereça pela sua purificação os sacrifícios que Moisés ordenou, para que sirva de testemunho”. Ele, porém, saiu e começou a tornar público o fato, espalhando a notícia. Por isso Jesus não podia mais entrar publicamente em nenhuma cidade, mas ficava fora, em lugares solitários. Todavia, assim mesmo vinha a ele gente de todas as partes.²⁶

Através dos milagres que libertam as pessoas de seus males e destinos, Jesus lida com os grandes dilemas humanos e inaugura o irromper de um novo tempo com novas perspectivas e possibilidades de existência, onde o extraordinário reenquadra a realidade comum e cotidiana. Os Evangelhos são histórias estéticas que inspiram e cativam pela

²⁰ REHFELD, Walter I. *Tempo e religião: A experiência do homem bíblico*. São Paulo: Perspectiva/USP, 1988, p. 17.

²¹ AUERBACH, 1994, p. 11.

²² GOMES, Eunice Simões Lins. A Palavra/Ação de Jesus: uma mitocrítica de Evangelho de Marcos. In: POSSEBON, Fabricio (Org.). *O Evangelho de Marcos*. João Pessoa: Universitária UFPB, 2010, p. 21.

²³ CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 102.

²⁴ TODOROV, Tzvetan. *Teorias do símbolo*. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 63-68.

²⁵ MARCOS 1.40-45; MATEUS 8.1-4; LUCAS 5.12-16. In: *BÍBLIA Sagrada. Antigo e Novo Testamento*. NVI. São Paulo: Vida, 2003.

²⁶ MARCOS 1.40-45.

dimensão simbólica e afetiva, escritos com técnicas literárias requintadas que apostam na capacidade de construção do leitor que, por sua vez, se identifica com a gente impura, deficiente e excluída da qual Jesus se aproxima e se compadece.²⁷

A pesca maravilhosa²⁸, relata uma situação em que os discípulos haviam fracassado na pescaria noturna. Cedo de manhã, cansados, frustrados e aborrecidos, obedecem mecanicamente à voz de comando de Jesus para retornarem com as redes ao mar e são surpreendidos com um milagre. Com o estado de consciência alterado, numa mistura de extenuação, perplexidade e pavor, os discípulos tomam conhecimento do sagrado que se manifesta no milagre. Nessa experiência com o “numinoso”²⁹, o indivíduo se vê num contexto sagrado e experimenta uma realidade que se distingue do mundo profano e que transforma a maneira de ser no mundo.³⁰

Certo dia Jesus estava perto do lago de Genesaré, e uma multidão o comprimia de todos os lados para ouvir a palavra de Deus. Viu à beira do lago dois barcos, deixados ali pelos pescadores, que estavam lavando as suas redes. Entrou num dos barcos, o que pertencia a Simão, e pediu-lhe que o afastasse um pouco da praia. Então sentou-se, e do barco ensinava o povo. Tendo acabado de falar, disse a Simão: “Vá para onde as águas são mais fundas”, e a todos: “Lancem as redes para a pesca”. Simão respondeu: “Mestre, esforçamo-nos a noite inteira e não pegamos nada. Mas, porque és tu quem está dizendo isto, vou lançar as redes”. Quando o fizeram, pegaram tal quantidade de peixes que as redes começaram a rasgar-se. Então fizeram sinais a seus companheiros no outro barco, para que viessem ajudá-los; e eles vieram e encheram ambos os barcos, ao ponto de começarem a afundar. Quando Simão Pedro viu isso, prostrou-se aos pés de Jesus e disse: “Afastate de mim, Senhor, porque sou um homem pecador!” Pois ele e todos os seus companheiros estavam perplexos com a pesca que haviam feito, como também Tiago e João, os filhos de Zebedeu, sócios de Simão. Jesus disse a Simão: “Não tenha medo; de agora em diante você será pescador de homens”. Eles então arrastaram seus barcos para a praia, deixaram tudo e o seguiram.³¹

Considerações finais

De que forma a leitura dos milagres de Jesus contribui para os estudos das ciências da religião? Parafraseando o saudoso LIGÓRIO SOARES³², embora a resposta e a relação entre teologia e ciências da religião sejam complexas, propomos uma parceria que enriqueça

²⁷ MENDONÇA, 2015, p. 183, 244, 302-303.

²⁸ LUCAS 5.1-11; MATEUS 4.18-22, MARCOS 1.16-20. In: BÍBLIA Sagrada. Antigo e Novo Testamento. NVI. São Paulo: Vida, 2003.

²⁹ OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis; Vozes, 2007.

³⁰ ELIADE, 2010, p. 17-23.

³¹ LUCAS 5.1-11.

³² LIGÓRIO SOARES, Afonso Maria. In: USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 300-304.

a ambas sem que uma precise excluir a outra. As ciências oferecem os fundamentos para uma erudição mais refinada e um arejamento de ideias para o teólogo construir suas reflexões de forma crítica sobre fé, revelação, dogma e pluralidade religiosa; enquanto a teologia contribui com experiências e conhecimentos ligados aos conceitos de mito, rito, sagrado e beleza literária dos textos bíblicos da perspectiva dos que têm fé.

Conforme Rodrigues³³, cientistas da religião podem ser religiosos, tanto quanto há antropólogos iniciados no candomblé, pesquisadores do futebol viciados em estádios, capoeiristas estudiosos da capoeira, sociólogos urbanos que vivem nas metrópoles; a vivência e a relação de afecção permitem a abordagem do objeto com a semântica da lógica interna, sem, necessariamente, contaminar a pesquisa. A autora concorda com a proposta de Roberto Da Matta em estranhar o que é familiar e transformar o que é estranho, em familiar, ou seja, numa ciência que mostra como concepções prévias não são verdades eternas e estáveis, mas estão em constante reformulação.

A primeira atitude frente a esse quadro é entendê-lo não em termos de verdades e mentiras, mas como conteúdos autônomos que visam à significação do mundo e da existência por meio de outra lógica. Por conseguinte, constata-se somente a diferença das lógicas e não a hierarquização delas. Não se trata de apenas relativizar os discursos, mas compreender que os conhecimentos e as verdades alegadas como absolutos são, de ambos os lados, construtos matizados na história, portanto, limitados por determinadas situações como língua, tempo, espaço, relações de poder. [...] Cada indivíduo, portanto, ao conhecer, ao nominar e ao classificar tende a estabelecer conhecimentos a partir de quadros com os quais organiza seu mundo e sua experiência no mundo. As verdades são relativas à linguagem e ao horizonte hermenêutico de quem as elabora. Outro intérprete acerca do mesmo objeto ou da mesma verdade pode concebê-la a partir de premissas diferenciadas. Se levarmos essa assertiva ao extremo, o problema da verdade tem origem no problema da linguagem. Ao invés de indicar fraqueza e limitação do conhecimento científico, a pluralidade de perspectivas aponta para a riqueza do objeto, bem como levanta suspeita com respeito à concepção positivista de ciência (ainda predominante no Brasil). As perspectivas enriquecem o objeto ao mostrar que ele sempre excede o que se pensa sobre ele, de modo a instaurar um conflito de interpretações. [...] Uma proposta de resolução para o problema da linguagem seria estudar a verdade do relativo ou a verdade do discurso religioso a partir de sua lógica interna. Essa atitude metodológica requer a imersão no universo semântico do religioso, o que estrito senso, não lhe garante completa compreensão, mas no limite, eleva os termos do nativo ao nível de discurso legítimo.³⁴

³³ RODRIGUES, 2011, p. 77-78.

³⁴ RODRIGUES, 2011, p. 75-76.

Esperamos que nessa caminhada de diálogos, como o “espectador indiferente”³⁵ que a tudo vê com objetividade sem julgar, criticar ou se identificar, junto com crentes, ateus, cientistas ou textos, questionemos, construamos portas³⁶, sejamos transportados³⁷ e até surpreendidos, a exemplo do filósofo Pondé³⁸:

Comecei a achar o ateísmo aborrecido, do ponto de vista filosófico. A hipótese de Deus bíblico, na qual estamos ligados a um enredo e um drama morais muito maiores do que o átomo, me atraiu. Sou basicamente pessimista, cético, descrente, quase na fronteira da melancolia. Mas tenho sorte sem merecê-la. Percebo uma certa beleza, uma certa misericórdia no mundo, que não consigo deduzir a partir dos seres humanos, tampouco de mim mesmo. Tenho a clara sensação de que às vezes acontecem milagres. Só encontro isso na tradição teológica.

Referências

BÍBLIA Sagrada. Antigo e Novo Testamento. NVI. São Paulo: Vida, 2003.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1994.

CAMURÇA, Marcelo. *Ciências sociais e ciências da religião: polêmicas e interlocuções*. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. Les Sciences Religieuses: um olhar a partir do Brasil para o campo de estudo das ciências da religião na França. *Estudos de Religião*, v. 25, n. 41, 12-28, jul./dez. 2011.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

DEUTERONÔMIO. In: BÍBLIA Sagrada. Antigo e Novo Testamento. NVI. São Paulo: Vida, 2003.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*; [tradução de Maria Adozinda Oliveira Soares]. Lisboa: Letras e artes/Arcádia, 1979.

_____. *Mito e realidade*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1994.

³⁵ GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião*; [tradução de Frank Usarski]. São Paulo: Paulinas, 2005, 164-165.

³⁶ ELIADE, 2010, p. 28-30.

³⁷ MENDONÇA, 2015, p. 24.

³⁸ PONDÉ, Luiz Felipe. Filósofo Luiz Felipe Pondé explica por que deixou de ser ateu. Síntese cristã: Refletindo sobre a Escritura, a fé e a conduta cristã. Disponível em: <<https://sintescristablog.wordpress.com/2016/01/22/filosofo-luiz-felipe-ponde-explica-por-que-deixou-de-ser-ateu/>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

_____. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ENGLER, Steven. A estética da religião. In: USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 199-227.

GOMES, Eunice Simões Lins. A Palavra/Ação de Jesus: uma mitocrítica de Evangelho de Marcos. In: POSSEBON, Fabricio (Org.). *O Evangelho de Marcos*. João Pessoa: Universitária UFPB, 2010.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião*; [tradução de Frank Usarski]. São Paulo: Paulinas, 2005.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo E.; PORTELLA, Rodrigo. Ciência da Religião: uma proposta a caminho para consensos mínimos. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, 2012, p. 433-456.

LIGÓRIO SOARES, Afonso Maria. In: USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

MENDONÇA, José Tolentino. *A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação*. 1 ed. São Paulo: Paulinas/Pernambuco/UNICAP, 2015.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis; Vozes, 2007.

PONDÉ, Luiz Felipe. Filósofo Luiz Felipe Pondé explica por que deixou de ser ateu. Síntese cristã: Refletindo sobre a Escritura, a fé e a conduta cristã. Disponível em: <<https://sintesecristablog.wordpress.com/2016/01/22/filosofo-luiz-felipe-ponde-explica-por-que-deixou-de-ser-ateu/>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

REHFELD, Walter I. *Tempo e religião: A experiência do homem bíblico*. São Paulo: Perspectiva/USP, 1988.

RODRIGUES, Elisa. Ciência da religião e ciências sociais: aproximações e distanciamentos. *Plura: revista de estudos de religião*, vol. 2, nº 1, 2011, p. 65-79.

TODOROV, Tzvetan. *Teorias do símbolo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

WEBER, Hans-Ruedi. *Bíblia: O livro que me lê: manual para estudos bíblicos*; [tradução de Marcelo Schneider]. São Leopoldo: Sinodal: CEBI, 1998.

ZABATIERO, Júlio P. T.; LEONEL, João. *Bíblia, literatura e linguagem*. São Paulo: Paulus, 2011.